

# O ENSINO REMOTO DE ARTES VISUAIS NA ESCOLA DE CEGOS DO MARANHÃO – ESCEMA EM TEMPOS DE PANDEMIA

116

THE TEACHING REMOTE VISUAL ARTS AT THE SCHOOL FOR THE BLIND OF MARANHÃO – ESCEMA IN TIMES OF PANDEMIC

**Jaqueline de Cássia Nascimento da Silva<sup>1</sup>**

nascimento.jaquelinecns@gmail.com

## Resumo

Esta pesquisa analisa o ensino remoto emergencial nas Artes Visuais na Escola de Cegos do Maranhão-ESCEMA durante a pandemia de COVID-19. A investigação, de caráter qualitativo, baseou-se em pesquisa bibliográfica, observação direta e indireta, e entrevistas semiestruturadas com professores e alunos. O objetivo foi compreender o processo de ensino e aprendizagem nessa instituição e as possibilidades educacionais no contexto de isolamento social. O referencial teórico abordou as contribuições de autores como Ana Mae Barbosa, Camargo, Cerqueira e Ferreira, Cervo, Bervian e da Silva, Coutinho, Ferraz e Fusari, Gonzalez, Pucetti, entre outros. Os resultados mostraram que o ensino remoto emergencial apresentou desafios e oportunidades para o desenvolvimento pedagógico e a inclusão dos educandos com deficiência visual. A conclusão apontou que as artes visuais podem ser um recurso valioso para a educação em tempos de crise, desde que sejam respeitadas as especificidades e as demandas dos alunos. Entende-se, portanto, a importância do ensino de Educação Artística no ensino básico e como esse pôde vir a ser trabalhado em contexto pandêmico.

**Palavras-chaves:** Ensino remoto emergencial; Artes visuais; Educação Especial; Pandemia.

## Abstract

This research analyzes emergency remote teaching in Visual Arts at the School for the Blind of Maranhão-ESCEMA during the COVID-19 pandemic. The qualitative investigation was based on bibliographical research, direct and indirect observation, and semi-structured interviews with teachers and students. The aim was to understand the teaching and learning process in this institution and the educational possibilities in the context of social isolation. The theoretical framework covered the contributions of authors such as Ana Mae Barbosa, Camargo, Cerqueira and Ferreira, Cervo, Bervian and da Silva, Coutinho, Ferraz and Fusari, Gonzalez, Pucetti, among others. The results showed that emergency remote teaching presented challenges and opportunities for the pedagogical development and inclusion of visually impaired students. The conclusion was that the visual arts can be a valuable resource for education in times of crisis, if the specificities and demands of the students are respected. We therefore understand the importance of teaching Art Education in basic education and how it should be worked with in a pandemic context.

**Keywords:** Emergency remote education; Visual arts; Special education; Pandemic.

## Introdução

Este artigo científico tem como tema o ensino de Artes Visuais para alunos com deficiência visual na Escola de Cegos do Maranhão-ESCEMA, no contexto da pandemia

---

<sup>1</sup> Jaqueline de Cássia Nascimento da Silva, graduada em Artes Visuais - IFMA (Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão), em Pedagogia - FLATED (Faculdade Latino-Americana de Educação). Pós-graduada em Educação Especial/Educação Inclusiva – UEMA (Universidade Estadual do Maranhão), em Gestão Escolar (Administração, Supervisão, Orientação e Inspeção) – FAVENI (Faculdade Venda Nova do Imigrante), em Arteterapia – FAVENI (Faculdade Venda Nova do Imigrante).

de COVID-19. O problema de pesquisa é como proporcionar um ensino de Artes Visuais significativo e inclusivo para esses alunos, considerando as limitações e as oportunidades do ensino remoto emergencial. A hipótese é que o uso da arte pode ser um recurso valioso para a educação especial, desde que sejam respeitadas as especificidades e as demandas dos alunos. O objetivo geral é analisar o ensino de Artes Visuais na ESCEMA durante a pandemia, e os objetivos específicos são: (a) descrever a metodologia utilizada pelos professores de Artes Visuais; (b) avaliar as percepções dos alunos sobre o processo de ensino e aprendizagem; (c) identificar as dificuldades e os benefícios do ensino remoto para a educação especial; (d) propor estratégias pedagógicas para aprimorar o ensino de Artes Visuais para alunos com deficiência visual. A justificativa para a realização desta pesquisa é a escassez de estudos sobre o ensino de Artes Visuais para alunos com deficiência visual no Brasil, especialmente em um cenário de crise sanitária e social que afeta profundamente a educação. A relevância deste trabalho é contribuir para o desenvolvimento de uma educação especial de qualidade, que promova a inclusão, a cidadania e o conhecimento dos alunos com deficiência visual. A metodologia adotada foi a pesquisa qualitativa, baseada em pesquisa bibliográfica, observação direta e indireta, e entrevistas semiestruturadas com professores e alunos da ESCEMA. O referencial teórico abordou sobre os temas da educação especial, do ensino de Artes Visuais e do ensino remoto emergencial.

## **Metodologia**

Este artigo é resultado de uma pesquisa qualitativa, que utilizou como fontes de dados livros, artigos, dissertações e sites sobre o tema da educação especial e do ensino de Artes Visuais para alunos com deficiência visual (CERVO; BERVIAN; DA SILVA, 2007, p. 61). A pesquisa de campo consistiu em uma visita à Escola de Cegos do Maranhão (ESCEMA) em São Luís – MA, onde se observou a estrutura da escola e as aulas remotas pelos grupos de Whatsapp. Também se realizou entrevistas semiestruturadas com professores, gestor, coordenador e alunos do ESCEMA, para obter orientações pedagógicas sobre as metodologias utilizadas no ensino remoto da disciplina de arte durante a pandemia. Os dados foram analisados de forma descritiva e interpretativa, respeitando os princípios éticos da pesquisa com seres humanos.

## **Deficiência Visual**

O “olhar”. Destaca-se esse elemento como ponto de partida para a discussão que se pretende tecer sobre ensino de arte e deficiência visual, neste caso, faz-se referência às diversas possibilidades de visualizar um objeto ou uma imagem. Ainda é possível visualizar resquícios de crenças sobre o processo de ensino e aprendizagem do aluno com deficiência visual, bem como pensar que devido à cegueira estas pessoas não irão conseguir apreender

e compreender o conteúdo discutido em sala de aula. Tentando elucidar com mais clareza essas definições, a fim de deixar a abordagem conceitual mais simples e específica, em relação ao deficiente visual<sup>2</sup>, Camargo (2012) afirma que:

É considerada cega toda pessoa cuja acuidade visual, no melhor olho, e com a melhor correção óptica, é menor que 20/40 (0,05), ou seja, vê a 20 metros de distância aquilo que uma pessoa de visão comum veria a 400 metros de distância. [...] o entendimento de “cegueira” como ausência de visão não é assim explicitado legalmente. Pessoas com acuidade visual menor que a mencionada é considerada cega mesmo que seja capaz de ver vultos ou alguma imagem. (2012, p.2)

Ao longo das décadas, a compreensão das várias formas de deficiência tem evoluído, à medida que as discussões acadêmicas e sociais sobre o tema se expandem. Em 2001, a Organização Mundial de Saúde (OMS) introduziu uma classificação objetiva para a deficiência visual, preenchendo uma lacuna no entendimento geral das deficiências. Esta classificação abrange uma ampla gama de condições visuais, incluindo vários tipos de cegueira.

Existem tipos de cegueira que podem ser adquiridos ou congênitos, como a cegueira total, que é a perda completa da visão; a cegueira parcial ou legal, que permite a percepção mínima de formas a curta distância e pontos de luz; e a cegueira noturna, que é a incapacidade de ver em ambientes com pouca luz. Além desses, existem outros tipos de deficiência visual, como a baixa visão, a ambliopia e a visão monocular. Assim como em outras áreas do conhecimento, o ensino de Artes Visuais tem uma trajetória histórica que pode ser observada a partir de várias perspectivas, incluindo as mediações, a legislação e a prática artística. A relação entre a deficiência visual e o ensino de arte será discutida no próximo tópico.

## O ensino das artes visuais na educação especial

O ser humano está sempre em constante evolução, e uma maneira de observar essas transformações é através do cenário cultural e artístico. Nesse contexto, destacam-se aspectos da arte, mais especificamente das artes visuais. Os Parâmetros Curriculares Nacionais de Arte (1997) afirmam que:

Desde o início da história, a arte esteve presente em quase todas as formações culturais. O homem que desenhou um bisão em uma caverna pré-histórica teve que aprender, de alguma forma, sua arte. Da mesma forma, ele ensinou a alguém o que aprendeu. Assim, o ensino e a aprendizagem da arte, de acordo com as normas e valores estabelecidos em cada ambiente cultural, fazem parte do conhecimento que envolve a produção artística em todos os tempos. No entanto, a área que lida com a educação escolar em artes tem um percurso relativamente recente e coincide com as transformações educacionais que caracterizaram o século XX em várias partes do mundo (PCN: Arte, 1997, p. 21).

<sup>2</sup> Será utilizado nesta pesquisa o termo aluno com deficiência visto que a lei 2.334 de 3 de novembro de 2010, substituiu o termo “pessoa portadora de deficiência” e ainda tira o termo “especial” que também era atribuído. Isto, de acordo com a Resolução nº1 de 15 de outubro de 2010 do Conselho Nacional dos Direitos da Pessoa Portadora de Deficiência – CONADE.

A educação é um direito de todos, garantido pela Constituição Federal, como mencionado anteriormente. Portanto, é possível enfatizar que a legislação garante o direito de acesso ao conhecimento em todas as áreas, proporcionando assim, as condições necessárias para que todos possam estudar. No caso do aluno com deficiência, há necessidade não apenas de uma estrutura física adequada, mas também de formação contínua para trabalhar com metodologias diversificadas para todos os alunos, com ou sem deficiência.

No cenário educacional atual, há um número significativo de alunos com deficiência em instituições de ensino regular. No entanto, nem todas as escolas possuem infraestrutura adequada ou um corpo docente preparado para trabalhar com esses indivíduos.

É comum encontrar nas salas de inclusão alunos com surdez, baixa visão, deficiência motora, dificuldades de aprendizagem, entre outras. No entanto, o número de alunos totalmente cegos em escolas regulares ainda é considerado pequeno, uma vez que o número de pessoas com deficiência visual é significativo e superior ao número que está em sala de aula.

Ao considerar o ensino de arte neste contexto educacional, e especificamente nas artes visuais, destaca-se não apenas a obrigatoriedade, mas também o direito à educação que não pode ser negado. No entanto, sabe-se que existe um número expressivo de professores sem formação atuando na área da disciplina de arte, seja para complementar a carga horária ou pela ausência de um professor com formação específica.

É nesse ínterim que se iniciam as discussões visando à criação da Política Nacional de Educação Especial - PNEE. Esta, por sua vez, garante que

aquele que, por apresentar necessidades próprias e diferentes dos demais alunos no domínio das aprendizagens curriculares correspondentes à sua idade, requer recursos pedagógicos e metodologias educacionais específicas” (PCN, 1994, p. 13).

Ao discutir o ensino de arte para alunos com deficiência, reforça-se a democratização do acesso à informação, bem como a importância da disciplina de arte na formação de indivíduos. A arte, como parte da educação de alunos com deficiência, favorece ações de integração social, desenvolvimento motor, capacidade cognitiva e ainda relaciona fatores que envolvem o conhecimento formal, a produção e as questões socioculturais.

O ensino de artes visuais para pessoas com deficiência visual ou cegueira é um desafio que requer criatividade, sensibilidade e adaptação dos recursos e estratégias pedagógicas. A deficiência visual não impede o acesso à cultura visual, mas exige formas alternativas de percepção e expressão artística. Neste texto, vamos apresentar algumas fundamentações teóricas e práticas que podem orientar o trabalho do professor de artes visuais com esse público.

Uma das principais referências teóricas para o ensino de artes visuais para pessoas com deficiência visual ou cegueira é a teoria da arte multissensorial, proposta por John Kennedy (2004). Essa teoria defende que a arte não é apenas uma experiência visual, mas envolve outros sentidos, como o tato, a audição, o olfato e o paladar. A arte multissensorial valoriza a diversidade sensorial e estimula a criatividade dos artistas e dos apreciadores.

Outra referência importante é a pedagogia da inclusão, que busca garantir o direito à educação de qualidade para todos os estudantes, respeitando suas diferenças e potencialidades. A pedagogia da inclusão pressupõe a adaptação do currículo, do ambiente escolar e dos materiais didáticos às necessidades específicas dos alunos com deficiência visual ou cegueira. Além disso, a pedagogia da inclusão promove a interação e a cooperação entre os alunos, valorizando a diversidade como um recurso pedagógico.

A partir dessas referências teóricas, podemos sugerir algumas atividades práticas para o ensino de artes visuais para pessoas com deficiência visual ou cegueira, tais como:

- Explorar diferentes texturas, formas, cores e temperaturas dos materiais artísticos, como argila, papel, tecido, tinta etc.
- Utilizar recursos táteis, como painéis, maquetes, relevos, esculturas etc., para representar imagens ou conceitos artísticos.
- Utilizar recursos sonoros, como música, poesia, narração etc., para complementar ou inspirar as produções artísticas.
- Utilizar recursos olfativos e gustativos, como aromas, sabores, temperos etc., para criar experiências artísticas sensoriais.
- Promover exposições e visitas guiadas às obras de arte, utilizando descrições verbais, audioguias ou leitores de tela.
- Incentivar a expressão pessoal e a apreciação crítica dos alunos sobre as obras de arte produzidas ou apreciadas.

Essas são algumas possibilidades de ensino de artes visuais para pessoas com deficiência visual ou cegueira que podem contribuir para o desenvolvimento artístico, cultural e educacional desses alunos. O professor de artes visuais deve estar atento às demandas e aos interesses dos seus alunos, buscando sempre inovar e diversificar suas práticas pedagógicas.

### **Delimitação da pesquisa de campo**

A pesquisa de campo para este artigo foi conduzida na Escola de Cegos do Maranhão – ESCEMA, situada na Travessa Bequimão, número 25, bairro Bequimão, no município de São Luís. Esta parte da pesquisa foi dividida em duas etapas. Na primeira, foram realizadas observações da estrutura da escola e das aulas remotas ministradas por meio de grupos do WhatsApp, seguidas de entrevistas semiestruturadas com a diretoria, professores e alunos.

Na segunda etapa, com o objetivo de investigar o processo de ensino e aprendizagem em Arte na instituição, foi realizada uma análise qualitativa por meio de entrevistas com alunos e professores. Esta análise focou nas dificuldades enfrentadas durante o ensino remoto e algumas limitações encontradas por esses alunos nas aulas de arte. Nos tópicos subsequentes,

há um detalhamento da proposta, bem como uma reflexão sobre a pesquisa no contexto da Escola de Cegos do Maranhão, especificamente nas turmas do 6º e 7º ano.

### **Detalhamento do campo de pesquisa**

A Escola de Cegos do Maranhão – ESCEMA foi estabelecida em 1964 como uma classe especial na Unidade Integrada Coronel Lara Ribas, situada no bairro Santa Cruz, no município de São Luís, Maranhão. Devido ao espaço limitado e à crescente demanda de alunos, surgiu a necessidade de um local mais amplo. Assim, a escola foi transferida para o bairro do Bequimão, onde um terreno foi adquirido para a construção do novo prédio escolar.

A escola foi oficializada juridicamente em 1967, conforme relatos da atual gestora. O processo de seleção da gestão é realizado por meio de eleição entre seus associados, onde os candidatos são analisados e posteriormente escolhidos por voto direto na própria instituição.

O corpo discente da escola é composto por indivíduos de baixa renda, provenientes de famílias em situação de vulnerabilidade econômica e social. É importante ressaltar que, embora a escola esteja localizada na capital, São Luís, a maioria dos alunos é de cidades do interior do estado. As crianças vindas de outros municípios acabam residindo na escola para reduzir os custos com deslocamento, portanto, a escola possui alojamentos para acomodar esses alunos.

Quanto à estrutura física, a escola conta com seis salas de aula, refeitório com cozinha, biblioteca, quadra poliesportiva, sala de professores, sala de informática, sala de música, dormitórios, parquinho, galpão de eventos, além de uma área verde. O prédio é um dos primeiros adaptados para deficientes visuais no estado, no entanto, há necessidade de substituição da mobília, pois a atual é inadequada para os alunos.

Em relação ao horário de funcionamento, a ESCEMA oferece atividades nos turnos matutino e vespertino para o Ensino Fundamental, que vai do 1º ao 9º ano. Durante o período da pesquisa, a escola tinha 80 alunos no turno matutino e 40 no turno vespertino, e contava com um quadro de 16 professores.

Após algumas observações, optou-se por desenvolver a proposta nas turmas do 6º e 7º ano. Essa turma é acompanhada por professores de diversas áreas de conhecimento, no entanto, nem todos possuem formação na área em que atuam como professores. Este é o caso da professora que leciona a disciplina de Arte.

As aulas de Arte são ministradas duas vezes por semana pela professora A3, que é graduada em Pedagogia. Ela tem 24 anos de experiência na área de educação, dos quais dezessete foram dedicados ao ensino de deficientes visuais na Escola de Cegos do Maranhão – ESCEMA, na disciplina de Arte.

---

<sup>3</sup> Na presente pesquisa o nome da professora que ministra as aulas de Arte do 6º ao 9º ano será substituído pela letra “A”.

A turma observada (neste caso, do 6º e 7º ano) possuía uma estrutura simples, contando apenas com mesa, armário e carteiras. Ressalta-se que, por ser uma escola especializada, sempre recebeu um número relevante de alunos. É importante destacar que todos os dados apresentados se referem apenas ao período de realização desta pesquisa, que será baseada nas informações do ano de 2020, correspondente ao período da investigação.

A Escola de Cegos do Maranhão – ESCEMA é uma instituição filantrópica, criada com o propósito de promover o bem-estar: assistir à família, infância, adolescência, juventude e velhice, além de promover a habilitação e integração de deficientes visuais no mercado de trabalho. Conforme relatos da gestora, a escola recebe ajuda de pessoas físicas<sup>4</sup> que apadrinham um aluno, doando valores que auxiliarão nos gastos diários durante o ano letivo em que o aluno está matriculado. Além disso, grande parte de seus professores são servidores estaduais e municipais, lotados na instituição devido à parceria existente e devido à escassez de recursos financeiros para o pagamento de proventos desses profissionais.

### **Um olhar sobre o ensino remoto de arte na Escola de Cegos do Maranhão - ESCEMA**

Na Escola de Cegos do Maranhão – ESCEMA, todos os alunos atendidos são deficientes visuais. A pesquisa revelou que a sala do 6º/7º ano do Ensino Fundamental opera de forma multisseriada, ou seja, acomoda alunos de diferentes idades e séries em uma única turma.

Existem inúmeros obstáculos que impedem o aluno com deficiência visual de frequentar a escola na idade adequada, conforme previsto pela legislação. Assim, quando o aluno é admitido na Escola de Cegos, passa por uma triagem para determinar seu nível de aprendizagem e familiaridade com o sistema Braille. Caso o aluno não conheça o sistema, ele passará pelo processo de alfabetização antes de ser alocado na série que melhor se adequa ao seu nível.

Mesmo no século XXI, persiste a ideia de que um aluno cego é incapaz de aprender e lidar com o cotidiano. É crucial refletir sobre essa questão, pois esse aluno, devido a essa e outras circunstâncias, teve pouco ou nenhum contato com as Artes Visuais no que se refere ao conhecimento formal dessa área.

Snyders (1993) enfatiza que “cada idade corresponde a uma forma de vida que tem valor, equilíbrio, coerência e merece ser respeitada e levada a sério; a cada idade correspondem problemas e conflitos reais”. O autor esclarece que as necessidades de aprendizagem variam em cada fase de desenvolvimento humano, tornando-se necessário o início da escolarização na idade adequada, respeitando a cronologia e individualidade correspondente a cada fase de vida.

---

<sup>4</sup> Os associados da Instituição são pessoas físicas que contribuem mensalmente com as despesas de manutenção e funcionamento da escola. Para se tornar um associado a pessoa tem que estar de acordo com as regras estabelecidas e assinar um contrato firmando compromisso, neste contrato constarão os dados pessoais e o valor que poderá contribuir.

No que se refere ao Ensino Remoto Emergencial, é necessário discutir os fatores que levaram à implementação dessa nova modalidade nas escolas públicas e privadas do Brasil, especificamente na Escola de Cegos do Maranhão – ESCEMA. O mundo inteiro sofreu um impacto significativo em 2020, em todas as áreas, e a educação não foi exceção.

O cenário atual exigiu reflexões sobre o desenvolvimento de atividades pedagógicas que pudessem ser mediadas à distância, de maneira clara, rápida e objetiva, com o objetivo de minimizar os impactos na aprendizagem resultantes da pandemia causada pelo vírus da Covid-19.

Ao longo do ano letivo de 2020, surgiram vários desafios e dificuldades, pois o currículo das escolas brasileiras sempre foi pensado e articulado para aulas presenciais, principalmente para a Educação Básica, e nunca para ser aplicado remotamente.

A educação é de suma importância para o crescimento de uma sociedade e o desenvolvimento pessoal dos indivíduos que dela fazem parte. Ela precisa estar em consonância com as necessidades e transformações ocorridas no tempo e no espaço, de forma atuante e significativa. Bueno e Gomes (2011) nos afirmam que:

Esse processo reflete as transformações da base material da sociedade e, por isso, não está acima da sociedade, mas consiste em uma dimensão concreta da vida material e que se modela em consonância com as condições de existência dessa mesma sociedade (BUENO; GOMES, 2011, p. 54).

Portanto, os autores demonstram que a educação é um processo acima de tudo histórico que está sujeito a alterações e adequações de acordo com o contexto socioeconômico em que se encontra a sociedade no momento vigente.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) 9394/96, em seu 80.º artigo, nos traz a definição de Educação à Distância (EAD) como sendo uma forma de ensino que possibilita a autoaprendizagem, com a mediação de recursos didáticos sistematicamente organizados, ou seja, é uma forma de ensino que tem um público-alvo, um currículo organizado segundo as necessidades de seus alunos, visando a inclusão desses alunos no processo educacional de forma qualitativa, dinâmica, interativa e eficiente através de ferramentas tecnológicas (BRASIL, 1996).

Já o Ensino Remoto Emergencial (ERE) foi adotado para dar continuidade ao ano letivo de 2020. Segundo o dicionário Aurélio, a palavra “remoto” significa distante no espaço ou distanciado, denotando distanciamento físico no que diz respeito ao espaço geográfico. Esse tipo de ensino é considerado remoto porque tanto o professor, quanto o aluno são impedidos através de decretos nacionais, estaduais ou municipais de estarem na escola de forma presencial para, dessa forma, evitar a disseminação do coronavírus.

Porém, na Escola de Cegos do Maranhão (ESCEMA)<sup>5</sup>, alvo desta pesquisa, os professores, como a maioria dos docentes brasileiros, não se sentiam preparados para

---

<sup>5</sup> Caracteriza-se como uma instituição de educação que presta serviços educacionais e/ou de assistência social, colocando-os à disposição da população sem exigir por eles qualquer tipo de remuneração. Em geral, esses serviços prestados pelas escolas filantrópicas são caracterizados como atividades complementares à ação do Estado; por essa razão, podem ser entendidas como medidas compensatórias, mas necessárias, para assegurar o acesso da população a determinados serviços.



enfrentar esta realidade. Houve muitos questionamentos e inquietações, pois como poderiam proporcionar um ensino remoto de qualidade para seus alunos? Alunos que possuem limitações na visão, que fazem uso do sistema braile para leitura e escrita? Como alcançar os alunos das cidades do interior, que não têm acesso à internet e não possuem um *smartphone*?

Para os alunos que possuem *smartphone* e acesso à internet, foram criados grupos de *WhatsApp* por série, onde cada professor enviava sua videoaula e áudios referentes à disciplina que leciona. Os alunos, a partir desse material enviado, tentavam resolver as atividades propostas, com a ajuda dos familiares, sendo as mesmas enviadas aos professores para as devidas correções, atividades estas que eram solicitadas em determinados momentos em forma de áudios, vídeos e fotos de atividades escritas em braile.

Os alunos que residiam na escola, neste período pandêmico, não puderam mais ficar no local, no qual recebiam toda a assistência necessária e adequada para obtenção de um bom aprendizado. Pensando nesses alunos da zona rural, os professores criaram cronogramas escritos em braile e em tinta, com todas as orientações das aulas divididos por disciplina. Na data marcada os pais ou responsáveis se dirigiam até a escola para pegar o novo cronograma e deixar as atividades que foram realizadas pelos alunos em braile.

No que se refere à prática de ensino em Arte, que é o foco principal desta pesquisa, observou-se que a professora ministrava duas horas de aulas semanais em cada turma, neste caso, duas aulas na turma do 6º/7º ano. Assim, o conteúdo era trabalhado de acordo com o grupo e nem sempre correspondia à série em que esses alunos estavam matriculados.

Para compreender o trabalho realizado pela professora na sala do 6º/7º ano e entender a opção pela metodologia adotada pela educadora, optou-se por utilizar um questionário com perguntas voltadas para o ensino de Arte. No que se refere à práxis pedagógica, a professora “A” afirmou que:

“O ensino da Arte é de suma importância para o desenvolvimento dos alunos, principalmente nos aspectos cognitivos e emocionais, pois exercita tanto a mente quanto a sensibilidade. Nas minhas aulas, trabalho a história da arte, exponho oralmente o assunto, tiro dúvidas e diálogo com os alunos para que emitam suas opiniões. O processo é lento, porque não há material didático escrito em braile e eles precisam fazer o registro das aulas com esse sistema em folha, requerendo assim, um tempo maior para explorar os conteúdos abordados.” (Professora A)

O ensino de Arte traz consigo várias possibilidades metodológicas. Contudo, o profissional responsável por tal função deve ter uma formação compatível, conforme prevê a legislação. Nenhuma outra formação substitui ou qualifica uma pessoa para o ensino desta área de conhecimento. Torna-se necessário que o profissional participe de cursos e formações continuadas que envolvam a temática.

Outro entrave a ser destacado no âmbito da Escola de Cegos sobre o ensino de Artes Visuais é a ausência de atividades que estimulem a criatividade e a discussão crítico-reflexiva do educando. No contexto de educação especial, o Ensino das Artes Visuais apresenta

possibilidades para que alunos com deficiências vivenciem expressões que desenvolvam sua sensibilidade e criatividade. Puccetti (2005) afirma que:

“[...] A arte propicia a interação dos deficientes, integrando-os num processo de desenvolvimento por meio do fazer, sem falar, sem levar em conta os aspectos patológicos ou orgânicos. Não enfatiza os déficits, as deficiências, mas a capacidade e possibilidades reais num processo mental e sensível de compreensão, abstração, planejamento, elaboração e criação artística.” (2005, p. 02)

Dessa maneira, o Ensino da Arte apresenta aos alunos com deficiência visual oportunidades de vivenciar as mais variadas expressões artísticas que contribuirão para a aprendizagem e desenvolvimento do seu processo cognitivo, criativo e estético. No entanto, isso só será possível através da mediação e das alternativas utilizadas ao longo deste e de outros desafios.

A abordagem triangular, proposta pela teórica Ana Mae Barbosa, é uma metodologia de ensino que propõe três ações fundamentais para o ensino de Arte: contextualização histórica, apreciação artística e prática artística. Nessa abordagem, o aluno adentra no universo da arte de maneira contextualizada, por meio do estudo da história, do contato com obras de arte e da experiência em desenvolver sua potencialidade artística através de releituras.

Barbosa (1998, p.41) afirma que “A Proposta Triangular é construtivista, interacionista, dialogal, multiculturalista e é pós-modernista por articular tudo isto e por articular arte como expressão e como cultura na sala de aula”. Portanto, a abordagem triangular serve como um parâmetro na prática pedagógica do professor de Artes Visuais, subsidiando seus percursos e estratégias para a construção do conhecimento, permitindo uma observação crítica e um olhar diferenciado para a cultura, a diversidade e as transformações tecnológicas.

Quando questionada sobre como eram suas aulas presenciais, a professora relatou que não eram tão diferentes do modo atual. Apesar dos esforços da professora diante das dificuldades de seu trabalho, é evidente o tradicionalismo em suas aulas, não se percebendo uma interação significativa entre educador e educandos.

No que diz respeito ao percurso utilizado pela profissional, destaca-se o estímulo à escrita e leitura em Braille, o que, no caso do aluno cego, é considerado um aspecto positivo, visto que esse sistema é utilizado diariamente por eles, enquanto a escrita convencional em tinta é usada apenas para assinatura de documentos.

Quando questionada sobre a importância do ensino de artes visuais para seus alunos, a professora enfatizou que “Não é relevante, devido à falta de recursos”. Sua fala revela um certo descontentamento e desânimo. Quando perguntada sobre sua metodologia de ensino utilizada em suas aulas de artes visuais, ela esclareceu que desconhece a Proposta Triangular desenvolvida por Ana Mae Barbosa (2005).

O papel do educador como um eterno pesquisador é fundamental para o ensino das artes visuais, pois permite que ele esteja sempre atualizado e em diálogo com as diferentes manifestações artísticas e culturais. Uma das metodologias que pode auxiliar o educador

nesse sentido é a Abordagem Triangular, sistematizada pela arte-educadora brasileira Ana Mae Barbosa na década de 1980, que se baseia em três eixos: ler, contextualizar e fazer arte.

A Abordagem Triangular é uma abordagem dialógica, que valoriza a interação entre o professor, o aluno e a obra de arte, bem como entre os conhecimentos prévios e os novos saberes. Ela propõe que o ensino das artes visuais não se limite ao fazer artístico, mas que inclua também a apreciação e a contextualização histórica e cultural das obras, estimulando o desenvolvimento do senso crítico, da criatividade e da sensibilidade dos alunos.

A Abordagem Triangular pode ser aplicada de forma remota, utilizando recursos tecnológicos como vídeos, imagens táteis produzidas pelo professor, áudios – como podcasts, textos em braile e plataformas digitais que possibilitem a comunicação e a interação entre os participantes. O educador pode selecionar obras de arte de diferentes épocas, estilos e origens, apresentando-as aos alunos e incentivando-os a observar, analisar, interpretar e expressar suas opiniões. Em seguida, o educador pode contextualizar as obras, explicando seus aspectos históricos, sociais, políticos e estéticos, relacionando-as com outras manifestações artísticas e culturais. Por fim, o educador pode propor atividades práticas que envolvam o fazer artístico dos alunos, utilizando materiais diversos e explorando as linguagens visuais.

Outras metodologias que podem ser utilizadas pelo professor de artes visuais com alunos com deficiência visual e cegueira são aquelas que privilegiam os sentidos tátil, auditivo e olfativo, como por exemplo:

- A utilização de materiais tridimensionais, como argila, massinha, papel machê, tecido, entre outros, que permitam aos alunos modelarem, recortar, colar e criar formas variadas.
- A utilização de materiais sonoros, como instrumentos musicais, objetos sonoros, gravações de sons da natureza ou do cotidiano, que possibilitem aos alunos comporem, improvisar e expressar-se por meio da música.
- A utilização de materiais aromáticos, como ervas, flores, frutas, especiarias, entre outros, que possam estimular os alunos a identificarem, diferenciar e associar os cheiros com as cores, as formas e as emoções.

A aprendizagem artística envolve, portanto, um conjunto de diferentes tipos de conhecimentos, que geram diferentes significações, exercitando no aluno a possibilidade de perceber-se como agente de transformações. Além disso, encarar a arte como produção de significações que se transformam no tempo e no espaço permite tornar-se contemporâneo de si mesmo. PCN: Arte (1998, p. 37)

Ferraz e Fusari (1992) afirmam que:

O compromisso com um projeto educativo que vise reformulações qualitativas na escola precisa do desenvolvimento, em profundidade de saberes necessários para um competente trabalho pedagógico. No caso, do professor de Arte, a sua prática teórica-artística e estética deve estar conectada a uma concepção de arte, assim como a consistentes propostas pedagógicas. Em síntese, ele precisa saber arte e ser professor de arte [...] (1992, p. 49)

A compreensão dos percursos metodológicos empregados pela professora de Arte da ESCEMA permitiu entender a desmotivação tanto da professora quanto dos alunos envolvidos no processo de ensino e aprendizagem em Artes Visuais, principalmente no contexto do Ensino Remoto Emergencial (ERE). Nos seus relatos, a professora A demonstra estar ciente da importância do seu trabalho e de como a ação educacional poderia auxiliar no processo de ensino-aprendizagem de cada aluno.

Ao longo da pesquisa, os participantes reconheceram a importância da arte para o desenvolvimento cognitivo e cultural dos alunos com deficiência visual, bem como práticas educativas adequadas para esta área. No entanto, esse reconhecimento não é suficiente para uma mudança de atitude em relação às diretrizes deste ensino, pois ainda existem muitas restrições e limitações para o desenvolvimento da práxis pedagógica do Ensino de Artes Visuais na Escola de Cegos do Maranhão – ESCEMA.

A arte desempenha um papel importante na formação do cidadão, constituindo-se como um espaço de reflexão e diálogo. Conforme afirmado pelo PCN-Arte,

a educação em arte propicia o desenvolvimento do pensamento artístico e da percepção estética, que caracterizam uma maneira única de organizar e dar sentido à experiência humana: o aluno desenvolve sua sensibilidade, percepção e imaginação, tanto ao criar formas artísticas quanto ao apreciar e conhecer as formas produzidas por ele, pelos colegas, pela natureza e nas diferentes culturas (1997, p. 19).

A arte nunca deve ser limitada às quatro paredes da sala de aula ou da casa de cada aluno, pois está enraizada no cotidiano de cada ser humano. Oferecer ao aluno apenas um conteúdo histórico descontextualizado, seja em aulas presenciais ou remotas, é negar a ele a construção de conhecimentos artísticos em sua totalidade.

### **Considerações Finais**

Os objetivos desta pesquisa foram analisar os métodos de aprendizagem e socialização dos alunos com deficiência visual matriculados na Escola de Cegos do Maranhão durante as aulas de Arte e a prática de ensino remoto emergencial em tempos de pandemia. Procurou-se identificar as oportunidades oferecidas a esses alunos, as metodologias empregadas para promover o aprendizado diante da situação atual e comparar a apropriação desses métodos nas condições de aprendizagem disponíveis. Além disso, buscou-se refletir e sugerir práticas pedagógicas que sejam verdadeiramente significativas.

Desenvolver um programa educacional artístico com adolescentes com deficiência visual é um desafio considerável, dado que a limitação do campo visual resulta em dificuldades no processo de ensino e aprendizagem. Isso exige que a escola ofereça condições que permitam o acesso a um conjunto de conhecimentos socialmente elaborados e reconhecidos para uma formação crítica e cidadã.

As aulas remotas surgiram como uma alternativa para mitigar os impactos negativos no processo de ensino e aprendizagem devido à impossibilidade de realizar encontros

presenciais entre professores e alunos, como resultado das medidas de isolamento social. Com a suspensão das aulas, muitas escolas, educadores, pais e alunos tiveram que migrar do ensino presencial para o ensino remoto, muitas vezes sem os recursos e instruções necessárias para fazê-lo, o que se tornou um enorme desafio para todos, especialmente para os professores.

Na prática, o ensino remoto emergencial é realizado por um professor que ministra aulas, sejam elas ao vivo ou gravadas, por meio de videoconferências ou recursos semelhantes. No caso das aulas remotas emergenciais na Escola de Cegos do Maranhão - ESCEMA, devido à limitação dos alunos, eram realizadas através de vídeo aulas, grupos de *WhatsApp* e cronogramas escritos em tinta e em braile. A carga horária é a mesma das aulas presenciais, mantendo a frequência. Educadores e estudantes têm enfrentado grandes desafios com as aulas remotas, afinal, as mudanças foram abruptas. Adaptar toda a dinâmica da sala de aula presencial para os ambientes virtuais requer investimento de tempo e tecnologia.

Dessa forma, a arte como componente curricular para esses adolescentes pode representar uma experiência significativa, ampliando suas habilidades de pensamento crítico, criativo e estético, que serão essenciais no processo de ensino e aprendizagem, potencializando assim, a interação, autoconfiança, expressividade e autoestima, caso essa área de conhecimento seja trabalhada de forma adequada, contemplando a contextualização histórica, a apreciação e a prática artística.

Em conclusão, a pesquisa realizada na Escola de Cegos do Maranhão revelou que, embora a Arte seja um componente curricular, ela não tem recebido a devida importância na educação dos alunos com deficiência visual, especialmente nas turmas do 6º e 7º ano. Essa falta de ênfase na Arte é refletida nos vários déficits de aprendizagem observados entre os alunos. No entanto, acredita-se que o ensino de Arte tem o potencial de enriquecer significativamente a experiência educacional desses alunos. Ao apresentar aos alunos com deficiência visual uma variedade de imagens, técnicas e suportes artísticos, podemos ampliar suas possibilidades cognitivas e aprofundar seu entendimento dos saberes artísticos. Portanto, é imperativo que se dê mais atenção à inclusão da Arte no currículo desses alunos, a fim de melhorar sua experiência educacional e superar seus déficits de aprendizagem.

## Referências

BARBOSA, Ana Mae. **Inquietações e mudanças no ensino da arte**. São Paulo: Cortez, 2005.

BIANCHETTI, Lucídio; FREIRE, Ida Maria (orgs). **Um olhar sobre a diferença: interação, trabalho e cidadania**. Campinas: Papirus, 1998.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República, [2016]. Disponível em: [Constituição \(planalto.gov.br\)](http://Constituição.planalto.gov.br).

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. **Política Nacional de Educação Especial**. Brasília, MEC/SEESP, 1994.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: arte**. Brasília: MEC/SEF, 1997. p. 21.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: arte**. Brasília: MEC/SEF, 1998. p. 37.

BUENO, J. L. P.; GOMES, Marco A. de O. **Uma análise Histórico-crítica da formação de Professores com tecnologias de informação e comunicação**. Revista Cocar Belém, vol. 5, n. 53, 2011.

CAMARGO, Luiz. (org.) **Arte – educação da Pré-escola à Universidade**. São Paulo: Nobel, 1989.

CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino; DA SILVA, Roberto. **Metodologia Científica**. 6. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007

FERRAZ, Maria Heloisa C. de T.; FUSARI, Maria F. de R. **Metodologia do ensino de arte**. São Paulo: Cortez, 1992.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa**. 5. ed. Curitiba: Positivo, 2010. p. 1739.

KENNEDY, J. M. **A psychology of picture perception**. San Francisco: Jossey-Bass, 2004.

Lei de Diretrizes e Bases – **LDB. Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996**. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/txt/lei9394\\_ldbn2.txt](http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/txt/lei9394_ldbn2.txt).

Ministério da Educação. **Resolução nº 7, de 14 de dezembro de 2010, Fixa Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental de 9 (nove) anos**.

Organização Mundial da Saúde. (2019). **Primeiro relatório mundial sobre visão**.

PUCCETTI, Renato. **Arte e educação: uma abordagem interdisciplinar**. São Paulo: Cortez, 2005.

SNYDERS, Georges. **A alegria na escola**. São Paulo: Manole, 1993.